

Um Pesquisador Ordinário: Entre Substantivos e Gerúndios na Polifonia dos Esquecidos

Alfredo Rodrigues Leite da Silva

Resumo

O propósito deste artigo é apresentar o pesquisador ordinário nos estudos das formas de organizar, uma concepção desenvolvida a partir das ideias de Alexandre de Pádua Carrieri, reconhecido como um desses pesquisadores no Brasil. A concepção de pesquisador ordinário surge a partir das alegorias de gestão e gestor ordinário presentes na obra de Carrieri (2012). A obra que discute o desenvolvimento dessas alegorias é assumida como, em parte, autobiográfica, um memorial permeado por manifestação de características do próprio Alexandre. Lá surge um pesquisador que trabalha o ordinário em conjunto com outros pesquisadores, sejam eles doutores, mestres, graduados, doutorandos, mestrandos e graduandos, substantivos e gerúndios. Eles têm em comum a atração pelo ordinário e a luta contra-hegemônica na área de administração. Ao se aproximar de um pós-estruturalismo crítico, por meio de articulações envolvendo contribuições como a bricolagem, as estratégias e táticas certeunianas, o flunar e o alegorizar benjaminiano, Alexandre mostra-nos um caminho que, de diferentes maneiras, vários pesquisadores têm assumido, muitos dos quais viram e veem em Alexandre uma atração para chegar na sua própria produção da condição de pesquisador ordinário. Portanto, ao homenagear Alexandre de Pádua Carrieri, eu trouxe fragmentos de suas alegorias de gestão e gestor ordinário de volta para a casa do pesquisador, revelando uma forma ordinária de organizar os estudos das formas ordinárias de organizar e quem faz esses estudos.

Palavras-chave

Gestão Ordinária. Pesquisador Ordinário. Estudos Organizacionais. Alexandre Carrieri.

Abstract

The purpose of this article is to present the ordinary researcher in the studies of the ways of organizing, a concept developed from Alexandre de Pádua Carrieri's ideas, recognized as one of such researchers in Brazil. The concept

of ordinary researcher arises from the management allegories and ordinary manager present in Carrieri's work (2012). The work that discusses the development of these allegories is assumed to be, in part, autobiographical, a memorial permeated by the manifestation of Alexandre's own characteristics. There arises a researcher who works the ordinary together with other researchers, be they doctors, masters, graduates, doctoral students, masters and undergraduates, nouns and gerunds. In common, they have the attraction for the ordinary and the counter-hegemonic struggle in the area of administration. In approaching critical post-structuralism, through articulations involving contributions such as bricolage, the Alexandrian strategies and tactics, the flunar and the benjaminian allegory, Alexandre shows us a path that, in different ways, many researchers have assumed, many of whom they saw and see in Alexandre an attraction to arrive at their own production of the condition of ordinary researcher. Therefore, by honoring Alexandre de Pádua Carrieri, I brought fragments of his management allegories and ordinary manager back to the researcher's house, revealing an ordinary way of organizing studies of the ordinary ways of organizing and who does those studies.

Keywords Ordinary Management. Ordinary Researcher. Organization Studies. Alexandre Carrieri.

QUEM É O PESQUISADOR ORDINÁRIO?

Este artigo apresenta o pesquisador ordinário nos estudos das formas de organizar, uma concepção desenvolvida a partir das ideias de Alexandre de Pádua Carrieri. Ele é reconhecido aqui como um desses pesquisadores no Brasil. Essa concepção envolve doutores, mestres, graduados, graduandos, mestrands e doutorandos, substantivos e gerúndios, considerados como pesquisadores ordinários quando produzem e vivenciam, em conjunto, desconstruções para dar voz a abordagens, temas e atores que fogem do que é comumente considerado relevante no campo da administração. Ou seja, aquilo silenciado na perspectiva hegemônica da administração (GOUVÊA; CABANA; ICHIKAWA, 2018). O próprio uso do termo "Estudos das Formas de Organizar (EFOR)", em substituição ao termo "Estudos Organizacionais (EOR)", já é uma provocação contra-hegemônica no campo de estudo (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

A condição de pesquisador ordinário surgiu para mim em 2004 quando comecei a atuar como pesquisador em um núcleo que logo se chamaria NEOS, e que, atualmente, significa Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade. Eu era um gerúndio, um doutorando, produzido como pesquisador no grupo de pesquisa coordenado por meu orientador

de doutorado, Alexandre de Pádua Carrieri. Um único doutorando entre mestrandos e graduandos, mas todos, entre nós e ele, éramos apenas pesquisadores e trabalhávamos muito em função disso para romper com abordagens e conhecimentos hegemônicos da área de administração. Ao mesmo tempo, nós vivenciávamos em conjunto nosso cotidiano urbano, andando, frequentando lugares, olhando pelas janelas dos ônibus. Era mais do que uma mera passagem de um grupo de pessoas pesquisadoras, era uma passagem na qual recolhíamos fragmentos do que víamos e discutíamos sobre isso, havia um prazer em viver a cidade. Não surpreende isso fazer parte de nossas pesquisas.

Nessa época, ainda não havia a adjetivação de ordinário para nós ou aqueles com os quais nos assemelhávamos de diferentes maneiras. Essa adjetivação é uma escolha minha, devido a algo mais recente. Eu me inspirei nas alegorias da gestão e do gestor ordinário de Carrieri (2012), apresentadas em sua tese para professor titular. A gestão ordinária também foi articulada pouco depois, em um artigo intitulado “A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais” (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014). Em estudos recentes, a proposta de gestão ordinária mostrou-se relevante para o estudo das formas de organizar em produções distintas, por exemplo, no Mercado Central de Belo Horizonte (VALE; JOAQUIM, 2017), em uma cafeteria familiar incomum (CARRIERI *et al.*, 2018) e até na comunidade de fãs da saga Harry Potter (COSTA; LEÃO, 2018). Isso revela a diversidade de vozes gerenciais silenciadas que podem ser trazidas para a discussão no campo da administração a partir do foco na gestão ordinária. Porém, levantou para mim a questão de quem serão os responsáveis por isso no campo – a resposta que encontrei foi: os pesquisadores ordinários.

Tais pesquisadores investigam a gestão ordinária, eles produzem trabalhos que oferecem luz para a gestão marginalizada na área de administração, a ordinária, a dos pequenos negócios familiares, a dos ambulantes das ruas, entre muitos outros. Isso ocorre, pois o ponto de partida de Carrieri (2012) para a concepção de gestão ordinária é a cultura ordinária de Certeau (1998; 2012), heterogênea e produzida na heterogeneidade do cotidiano dos homens comuns. O primeiro autor a usa para nominar um tipo de gestão, a gestão ordinária realizada pelos homens ordinários, os esquecidos pela história, presentes na obra certeuniana em meio a bricolagens, estratégias e táticas.

A minha escolha por chamar de ordinário este pesquisador é uma metáfora para aproximá-lo desses homens ordinários da gestão que o atraem. O suposto sentido pejorativo do termo é transformado em algo elogioso por remeter à resistência, típica dos homens comuns, e agora travestida nos pesquisadores, em sua resistência contra-hegemônica na área de administração. Uma resistência produzida ao dar voz aos homens silenciados na área.

As formas de realizar essa resistência surgem quando, indo além da gestão e dos gestores ordinários, ao apresentá-los em sua obra, Carrieri (2012) deixa claro que a bricolagem e a articulação de estratégias e táticas também fazem parte das práticas do pesquisador. Então, ele propõe pensar essa prática em conjunto com a alegorização e a flangem, presentes na obra de Benjamin (1989; 2009). Em sua tese, Carrieri (2012) menciona mais de uma centena de vezes os pesquisadores, inclusive atribui literalmente aos pesquisadores do

NEOS o trabalho conjunto de dar voz à gestão ordinária em Belo Horizonte, ao mesmo tempo que destaca a sua condição e dos demais pesquisadores de vivenciarem a cidade. Segundo o autor, esse trabalho representa um memorial de sua trajetória acadêmica como pesquisador, sendo produzido junto com os demais pesquisadores do NEOS.

Ao homenagear Alexandre de Pádua Carrieri optei por usar sua tese para dar voz às ideias dele enquanto pesquisador que adjectivei como ordinário, também, em virtude do sofrimento de vivenciar o cotidiano dos estudos organizacionais na área de administração no Brasil e no mundo, em conjunto com outros tantos pesquisadores ordinários, transgressores do conhecimento hegemônico dessa área e do lugar de poder que estabelece. São pesquisadores ordinários, sobrevivendo no cotidiano da prática de pesquisar, o que faz parte de suas vidas e subsistência, ao dar voz aos homens ordinários em suas próprias subsistências. Dessa maneira, eles expressam uma luta contra-hegemônica na área de administração (BARROS; CARRIERI, 2015).

Nesta homenagem, baseei-me em trechos da tese para professor titular de Carrieri (2012), publicações derivadas dela e outras publicações articuladas para sustentar suas argumentações ou desenvolver meu entendimento de que ele encarna o pesquisador ordinário. Deve ficar claro que essa denominação apenas faz parte de uma alegoria para indicar um conjunto de possibilidades que unem pesquisadores transgressores de conhecimentos hegemônicos em suas áreas de conhecimento, não havendo uma maneira única de ser pesquisador ordinário. Dentre as que existem, uma é a de Alexandre de Pádua Carrieri, aqui tratada. Portanto, ele não é o único pesquisador ordinário nos estudos das formas de organizar, existem vários, uma que também trago sempre em meus pensamentos e pesquisas é Neusa Rolita Cavedon. Entretanto, não vou fazer uma lista dos pesquisadores ordinários, aos que lerem este artigo e os identificarem tenho certeza que Alexandre gostaria de estender a homenagem a eles e, provavelmente, são amigos, inimigos ou colegas intrigantes.

A seguir, revelamos aspectos epistemológicos da concepção de pesquisador ordinário quando apresentamos sua aproximação com o chamado pós-estruturalismo crítico. Ela oferece suporte à proposição da concepção de pesquisador ordinário em termos de suas práticas, envolvendo desconstruções e resistências, por meio de bricolagens, alegorias e flanagens, entre outros elementos e convívios. A partir dessa concepção apresentamos alguns imbróglis relacionados com ela, o homem ordinário e a pesquisa. Por fim, tratamos da questão: para onde vão os pesquisadores ordinários?

UMA APROXIMAÇÃO COM O PÓS-ESTRUTURALISMO CRÍTICO

Carrieri (2012) baseou-se na discussão de Certeau (1998) sobre a cultura ordinária para propor, como uma alegoria benjaminiana, as concepções de gestor ordinário e gestão ordinária. A investigação dessa gestão, com a ajuda desse gestor, é a tentativa do pesquisador que se aproxima do *flâneur* de Benjamin (2000), o “pesquisador *flâneur*”, e do *bricoleur* de Certeau (1998) (CARRIERI, 2012), pois ambos tratam de ideias que se ajustam às investigações sobre a gestão ordinária e o cotidiano (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014).

Ao assumir que a ideia do pesquisador ordinário vem dessas contribuições, ela também é concebida como uma alegoria benjaminiana, tendo uma base no ordinário ceriteuniano, em uma transgressão na aproximação estranha e proveitosa entre elementos da teoria crítica e do pós-estruturalismo. Essas são apropriações em misturas típicas dos pesquisadores ordinários, provocadores das ordens estabelecidas por todos os lados.

A articulação com Walter Benjamin e Michel de Certeau, realizada por Carrieri (2012), revela esse movimento. O primeiro, Walter Benjamin, é um modernista relutante (MCROBBIE, 1994), “[...] membro não muito estável da Escola de Frankfurt [...]” (JUNKES, 1994, p. 125). Ele trata o *flâneur* como um representante da ambiguidade da modernidade (SILVA, 2016), do herói moderno (BENJAMIN, 2000) e do vazio da modernidade, sendo, ao mesmo tempo, um autor que, como os “[...] pós-modernistas contemporâneos, rejeita a noção de progresso e rejeita a história como uma linha reta, ele enfatiza intensamente o lugar da história no estudo da cultura [...]” (MCROBBIE, 1994, p. 117), além de outras aproximações com o pós-modernismo, dentre as quais se destaca a maneira que trata a alegoria (OWENS, 1980; WENDORF, 2001). A obra de Walter Benjamin é um desafio a uma visão simplista da coerência epistemológica, a qual separa o conhecimento em abordagens isoladas.

O segundo, Michel de Certeau, trata de contribuições e limitações da obra foucaultiana, entre outras, para criticar a falta de ênfase na resistência e se voltar para ela, concebida dentro da transgressão do indivíduo, em suas práticas por meio de táticas cotidianas. Ao enfatizar a resistência e seus mecanismos, ele diferencia-se de outros autores comumente chamados de pós-estruturalistas, quando, assim como eles, rejeita a centralidade no sujeito e a agência individual (POSTER, 1992). Ele trata de uma resistência que ocorre em ações táticas, ou seja, ações que não podem contar com um lugar de poder e, por isso, são dependentes da bricolagem de elementos de relações estratégicas, que podem contar com esse lugar. Portanto, o foco do autor não é o indivíduo, são as relações de poder nas ações em torno das quais o sujeito social é “o seu autor ou veículo” (CERTEAU, 1998, p. 37). A partir dessas ações nas práticas cotidianas, surge a cultura ordinária, uma cultura no plural, heterogênea, e produzida no cotidiano a partir de práticas de homens comuns (CERTEAU, 2012).

Com base nessas concepções, há uma aproximação com o paradigma pós-estruturalista, pois a obra ceriteuniana antecipa “[...] reflexões atuais sobre a natureza desse paradigma. Ou seja, um repensar da intersubjetividade e da agência de agentes não humanos contra nossa própria distinção antropocêntrica entre objetos ‘naturais’ e seres ‘humanos’” (NAPOLITANO; PRATTEN, 2007, p. 5). Dessa maneira, a “[...] agência não é mais algo que você possui ou não. Em vez disso, é algo que você mantém em relação a um campo social habitado com outros atores sociais. A agência é, portanto, altamente dependente de situações sociais específicas” (UTAS, 2005, p. 407).

Ao articular essas ideias benjaminianas e ceriteunianas, Carrieri (2012) expõe, em sua obra, uma tensão entre modernismo e pós-modernismo, mais especificamente relacionada com o modernismo crítico (HASSARD, 1993) e o pós-estruturalismo. A crítica sempre acompanhou o amadurecimento do pesquisador. Ao observarmos sua trajetória acadêmica, fica evidente um deslocamento do interpretativismo para o pós-estruturalismo. Entretanto,

quando se aproximou do interpretativismo, ele já não se enquadrava na concepção clássica do rótulo do interpretativismo de Burrell e Morgan (1979). Seus trabalhos interpretativistas, como Carrieri (2001) e Carrieri, Leite-da-Silva e Pimentel (2009), são, ao mesmo tempo, críticos ao *status quo* da sociedade em relação ao tema tratado. A classificação mais coerente seria um interpretativismo crítico, em uma ótica de comensurabilidade paradigmática (CLEGG; HARDY, 1999).

De maneira semelhante, ao se aproximar do pós-estruturalismo, ele retém essa crítica, enquadrando-se no que Hassard e Cox (2010) chamam de domínio do pós-estruturalismo crítico. Isso ocorre, pois Carrieri (2012) vai além da desconstrução e de revelar as resistências em microforças. Em conjunto com esses e outros elementos, há no trabalho dele uma indignação, uma crítica social, uma busca não apenas por questionar e desconstruir o *status quo* da sociedade, mas, também, indicar direções para uma produção social que considere os silenciados, seja ajustada a eles e por eles, como as críticas e proposições relativas às ações do poder público contra a gestão e os gestores ordinários em Belo Horizonte. Para viabilizar essa abordagem, ele articula elementos na prática de pesquisa que marcam a concepção de pesquisador ordinário, em torno de contribuições benjaminianas e certeunianas específicas.

O COTIDIANO DO PESQUISADOR ORDINÁRIO

A partir das influências certeunianas e benjaminianas, Carrieri (2012) ofereceu luz para o estudo de formas de organizar que ocorrem no cotidiano, em pequenos negócios e atividades nas famílias, nas ruas, nos locais de passagem, comumente deixadas de lado na área de administração. Trata-se da gestão ordinária do gestor ordinário. Dentre os fragmentos teóricos articulados para expressar o que é isso, neste artigo, apropriamo-nos do ordinário, da bricolagem, da alegoria e do *flâneur* para expressar a alegoria do pesquisador ordinário.

Em torno da articulação desses elementos a

[...] gestão ordinária pode ser entendida como aquela que não está pautada e não internaliza (ou internaliza apenas em parte) os princípios de desempenho e disciplina, a racionalidade instrumental, a universalização efetiva de atuar como produtor/empreendedor útil para sociedade, a separação do trabalho/negócio/família. A gestão ordinária pode propiciar ao pesquisador/professor de gestão observar as intencionalidades institucionais e de grupos sociais em conduzir um acordo implícito e objetivo da não incorporação do valor humano nas práticas sociais (CARRIERI; PERDIGÃO; AGUIAR, 2014, p. 708).

Pesquisador ordinário foi o rótulo da alegoria aqui escolhida para aqueles que assumem, de diferentes maneiras, essa empreitada de pesquisa. Entretanto, a empreitada em si não é o único definidor dessa alegoria, ela deve ser realizada de diferentes maneiras, mas todas devem ter algo de bricolagem, pois a bricolagem faz parte da vida do homem ordinário, assim como do pesquisador ordinário. É por meio dela que ambos ressignificam fragmentos simbólicos. Para o pesquisador ordinário, é ela que define o *locus* social da pesquisa, como explica o pesquisador ordinário apresentado neste artigo: “Enquanto pesquisador, sempre

busquei fazer bricolagens (CERTEAU, 1994) do real para buscar organizar um *locus* social de trabalho, de pesquisa” (CARRIERI, 2012, p. 28).

Portanto, o pesquisador ordinário é também um pesquisador *bricoleur*. Isto fica ainda mais evidente quanto, ao tratar da inserção da pesquisa na abordagem qualitativa, o nosso pesquisador ordinário coloca quem adota essa abordagem como um *bricoleur*. De maneira mais específica, ele atribui essa condição aos pesquisadores do estudo sobre a cidade de Belo Horizonte, ou seja, ele e outros pesquisadores do NEOS. Para ele, como

[...] afirmam Denzin e Lincoln (1994), na pesquisa qualitativa o pesquisador tem a liberdade de escolher e combinar até criar as práticas e métodos de pesquisa que se concatenem de maneira mais pertinente ao objeto e ao contexto que se deseja estudar, sendo aquele, portanto, um “*bricoleur*” (CERTEAU, 1994). Essa posição dos pesquisadores foi útil aos fins propostos por este estudo [...] (CARRIERI, 2012, p. 28).

Contudo, para o pesquisador ordinário, a bricolagem não está apenas em adotar essa abordagem qualitativa, há outros tipos de bricolagens em suas práticas, como revela Carrieri (2012, p. 48):

Neste nosso caso particular diria que estamos buscando realizar uma bricolagem teórica – ao trabalhar perspectivas teóricas sobre o tema da gestão; como também operamos uma bricolagem narrativa. Deve-se saber que o pesquisador conta uma história sobre o mundo que estudou baseada em interpretações de interpretações, e realizamos uma bricolagem política, a medida que agimos cômicos de que não existe nenhuma ciência livre de valores e de que saber é poder.

Aqui surge uma diferença entre o nosso pesquisador ordinário e o homem ordinário. O primeiro volta-se também para a bricolagem teórica, pois isso segue as vias do seu ofício, assim como a bricolagem política dentro da administração. Enquanto um artesão faz bricolagens diversas relativas ao seu ofício, o artesanato, o pesquisador o faz em relação à pesquisa. A política e a articulação teórica dentro da sua área de conhecimento fazem parte da prática desse ofício, levando a bricolagens teóricas e políticas específicas. Por meio dessas e de outras bricolagens, os pesquisadores, enquanto alegoristas, propõem maneiras de ressignificar fragmentos teóricos e empíricos, em diferentes alegorias.

Ao articular a alegoria benjaminiana, Carrieri (2012) apropria-se do seu potencial para intensificar a expressão da subjetividade por trás dos sentidos do mundo histórico quando se estabelece entre signo e coisa uma relação subjetiva de construção de sentido, libertando a coisa de sua prisão funcional (JUNKES, 1994). “A dialética da convenção e da expressão é o correlato formal dessa dialética religiosa do conteúdo. Pois a alegoria é as duas coisas, convenção e expressão, e ambas são por natureza antagonísticas” (BENJAMIN, 1984, p. 197).

Para realizar a alegoria, o alegorista tira a coisa do seu contexto funcional e a insere em outros contextos, em movimentos no qual fragmenta e descontextualiza e, depois, recontextualiza de maneira arbitrária, revelando que a coisa não tem um sentido original (JUNKES, 1994).

Isso envolve a desconstrução da crença produzida pela historiografia de que ela não é uma mera ficção (CERTEAU, 1986). Para Benjamin (1984), o movimento do alegorista aplica-se à historicidade e à linguagem histórica, pois são subjacentes ao mundo das coisas. O autor explica que a alegoria relembra os pensamentos anteriores, revelando sua decadência ao mostrar a ressignificação de seus fragmentos, assim como as ruínas, como colunas antigas que sobreviveram ao tempo, lembram coisas, para, hoje, serem ressignificadas como meras lembranças pitorescas da pompa da antiguidade.

Nas histórias ordinárias urbanas em Belo Horizonte produzidas por Alexandre e outros pesquisadores ordinários, eles mostram-nos, em convergência com a ótica benjaminiana, que o novo e o antigo coexistem no espaço e no tempo, mas a história é (re)contada, alterada em torno dos fragmentos no tempo, surgindo histórias ordinárias, no plural. Fazendo uma analogia entre essa história da cidade e a história da pesquisa em administração, da mesma maneira, o passado não é simplesmente eliminado, seus fragmentos são ressignificados, surgem histórias ordinárias, no plural, de pesquisadores ordinários nos estudos sobre as formas de organizar. Os conhecimentos hegemônicos da área de administração estão lá, assim como estão as transgressões dos pesquisadores ordinários. Elas ressignificam os fragmentos do passado e movimentam a área para o desconhecido, o incomum, o ordinário.

Portanto, a história apresenta-se como um caminho múltiplo para as pesquisas contra-hegemônicas na área de administração. Pode ser adotada em uma ótica na qual o pesquisador usa a história em estudos sobre o organizar no cotidiano ou em abordagens que recuperam a história no âmbito local do saber importado e hegemônico na área de administração (BARROS; CARRIERI, 2015). O pesquisador aproxima-se da condição de historiador, por sua vez, o historiador pode ser considerado um alegorista quando ele descontextualiza dos sentidos originais os documentos e fragmentos históricos de uma cultura em ruínas para oferecer a eles um novo sentido (PENIDO, 1989).

De maneira aproximada a esse historiador, aliando aos documentos suas observações e a dos homens ordinários, um pesquisador ordinário constrói, dos fragmentos produzidos, alegorias sobre a vida urbana e a própria cidade como alegoria. Um exemplo da cidade como alegoria é oferecido por Fortuna (1997), ele coloca a cidade como alegoria da sociedade. Para isso, o autor reconhece a primeira enquanto uma (re)construção e vivência social, sendo, ao mesmo tempo, estética e ética, tempo e espaço, contexto e texto, representação e realidade, não sendo uma coisa fixa, há uma implosão da primeira que se apresenta como a alegoria da segunda. O pesquisador ordinário, voltado para essa alegoria, deve considerar o movimento dessa reconstrução e vivência.

Como detalha Carrieri (2012, p. 126), ao investigar uma cidade moderna, principalmente as metrópoles, “[...] o pesquisador deve estar atento com os novos grupos e figurações sociais, com as novas formas de organização, de conflitos, com as práticas de produção do espaço público, com as práticas de consumo”. A alegoria vai surgir dos fragmentos produzidos nessa investigação. Para Benjamin (1984, p. 208), “é sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo, através da estrutura alegórica”.

O pesquisador ordinário é o responsável por buscar esses fragmentos, no estudo das formas de organizar, no âmbito dos homens ordinários. Ou seja, o pesquisador ordinário é uma alegoria que produz alegorias. Assim como, o gestor ordinário é uma alegoria na gestão de alegorias. Em ambos os casos, trata-se da junção, sempre incompleta, de múltiplos fragmentos simbólicos, ressignificados em golpes sobre os simbolismos anteriores e estabelecendo uma historicidade própria. Como explica Carrieri (2012, p. 34):

[...] o gestor ordinário pode ser visto como uma alegoria, uma metáfora, não apenas em contraparte do “*popmanagement*”, mas também da gestão da cidade, com a qual sofre ininterruptamente. Em certa medida, ao tomarmos como exemplo cada um dos negócios familiares nos locais estudados, pensá-los como alegoria equivale a os considerarmos autônomos [...]. Esse momento de autonomia que a alegoria carrega, nos casos que serão demonstrados, vem da substituição do poder externo (a Administração como área de conhecimento ou a gestão pública) àquele negócio na medida em que o gestor ordinário tem autonomia de decidir [...] mesmo sendo afetado pelas decisões da gestão da cidade, também produz decisões que afetarão outros no local ou na cidade.

Ao investigar o gestor e a gestão ordinária, o pesquisador ordinário também afronta um poder externo, o da administração como área de conhecimento com suas temáticas e abordagens hegemônicas no campo, uma manifestação daquela bricolagem política já mencionada. Ao mesmo tempo que está submetido ao campo e a suas lógicas, ele tem certa autonomia para afrontá-lo com pesquisas próprias, com o potencial de incomodar, interferir no cotidiano dos pesquisadores no campo de estudo. A vida e obra de Alexandre de Pádua Carrieri são exemplos disso, um pesquisador ordinário que incomoda a área de administração, a confronta, ao mesmo tempo que está submetido a ela. Porém, como pesquisador ordinário, ele não aceitaria ser lembrado sozinho, outros pesquisadores ordinários, como os membros do NEOS, fazem parte dessa movimentação, com diferentes impactos em golpes distintos, pois tratam de temas, abordagens e momentos diversos.

É evidente que, enquanto coordenador do NEOS e orientador de muitas dezenas de pesquisadores, ao longo dos anos, Alexandre esteve envolvido em um volume imenso desses impactos. No entanto, o mérito que dá sentido ao seu destaque neste artigo não é a quantidade, isso o tempo pode oferecer a qualquer orientador, basta esperar. Seu mérito está em, dentro dessa quantidade, que é inegável, assumir seu caráter alegórico, em uma construção fragmentada junto com os demais pesquisadores em suas relações, vivendo os prazeres do cotidiano da pesquisa, o que chamei aqui de pesquisador ordinário. Há uma contínua transformação no que o envolve, os signos são ressignificados, outras histórias são contadas, o NEOS, por exemplo, já teve outros nomes, vários sentidos, como nos conta Carrieri (2014, p. 22):

O NEOS: Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade, já foi Núcleo de Estudos Organizacionais e Simbolismo, mas antes foi GGI: Grupo de Gestão Internacional liderado pela Professora Susana Rodrigues e credenciado desde 1991 junto ao CNPq. Assim, há por trás do NEOS uma história com a participação de vários pesquisadores, estudantes de pós-graduação e graduação.

Os sentidos atribuídos ao NEOS envolvem diversos pesquisadores nas ressignificações de seus elementos, e Alexandre estava lá, no meio deles, como parte de um complô contra algo estabelecido por ele mesmo, para surgir com uma nova metáfora do que é o NEOS. Ele não é uma coisa fixa, mas uma produção em andamento em um caminhar pelas ruas da área de administração e das cidades onde os seus pesquisadores vivem e pesquisam. Um flanar teórico e empírico nas ruas da academia e da cidade.

Esse flanar do pesquisador ordinário é um flanar contemporâneo, vivendo na ambiguidade do flâneur original benjaminiano, mas inserido no mundo contemporâneo, assim como o flâneur cosmopolita de Leewen (2019). O autor, articula o flâneur benjaminiano em uma alegoria que ele identifica como cosmopolitismo moral, referindo-se a uma cidadania mundial. Para isso, ele precisou lidar com as contradições entre a dimensão do local, típica do flanar, e a dimensão global, típica da lógica cosmopolita.

Nosso foco aqui não está nessa contradição, mas, ao lidar com ela, o autor apresenta aspectos relevantes para a nossa alegoria de pesquisador ordinário. Ele destaca que seus cosmopolitas, assim como nossos pesquisadores ordinários, não são apenas do gênero masculino, brancos, com muito tempo ocioso e aristocratas, características típicas do *flâneur* original, influenciado, por exemplo, pela invisibilidade feminina nas obras de Baudelaire e em suas influências sobre Benjamin. Por isso, Leewen (2019) questiona se podemos colocar qualquer um na condição de *flâneur*, independente de raça, gênero e condição social.

Ele mesmo responde a essa questão, a partir de uma desconstrução envolvendo o que o *flâneur* é, ou melhor, o que ele não é, pois ele não é nada enquanto algo concreto, que existe hoje ou que existiu no passado. Com base em Lauster (2007), entre outros, Leewin (2019) assume que o *flâneur* nunca existiu realmente enquanto um ser com raça, classe ou gênero, ele é uma ideia que não tem esses fragmentos como sua base. Mesmo que possam estar presentes ou omissos nessa ideia, a base da ideia do *flâneur* enquanto alegoria é outra, é experimentar anonimamente a vida urbana em uma atração pelo desconhecido. Isso não é incompatível com qualquer inclusão de fragmentos contemporâneos, seja os dos cosmopolitas de Leewin (2019) ou dos nossos pesquisadores ordinários. Há espaço para seus temas relacionados com as formas de organizar contemporâneas na gestão ordinária, bem como preocupações quanto à diversidade, o meio ambiente ou qualquer questão que incomode o pesquisador ordinário para ser golpeada.

Portanto, não há restrições para um pesquisador assumir o papel de *flâneur*, além de ser alguém que, como acessando um texto, faz a leitura dos habitantes da cidade, ao tentar desvendar a vida urbana, um *locus* de investigação de signos a serem decifrados em seu caminhar, mas, por estar imerso nessa vida, sem neutralidade ou afastamento, ele apenas revela suas mudanças e a historicidade (MASSAGLI, 2008). Por sua vez, o pesquisador ordinário possui as características desse *flâneur*, mas é um *flâneur* contemporâneo, mais cosmopolita (LEEUEWEN, 2019). Essa relação entre um *flâneur* contemporâneo e nossos pesquisadores ordinários no NEOS é deixada clara pelo próprio Carrieri (2012, p. 31-32):

Foram nesses espaços que nós pesquisadores do NEOS (o coordenador da pesquisa e sua equipe) buscamos a experiência de reviver o que Benjamin (1994a) denominou de “*flâneur*”:

ver as pessoas sem ser visto, ver o movimento, são imagens que corporificam o prazer da cidade (o prazer da pesquisa) e a ideia de liberdade que o anonimato supõe. Para Benjamin (1994a), assim como para nós, o “*flâneur*” é um observador do mundo em uma perspectiva panorâmica, para poder ver as diferenças, a diversidade que povoa os espaços urbanos. [...] A imagem do *flâneur*, desenhada por Benjamin (1987), partindo de Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe, acena para a possibilidade de um caminhar vivendo experiências nas ruas, nas avenidas, nas galerias, nas exposições, nos cafés, nos parques e em meio a multidões que ocupam os espaços urbanos. Para pensar o flunar é importante adotar a *flânerie* para além do século XIX em Paris. Hoje, nas sociedades modernas pode-se mencionar a existência de *flâneurs* buscando outros ângulos de visualização da produção social cidadina. Cabe ao pesquisador “*flâneur*” retomar o passado social-histórico a partir do presente [...] Para o pesquisador “*flâneur*” as casas e as ruas, as galerias, mercados, *shoppings* populares tem cada qual sua história própria e fazem emergir tempos diversos (não lineares) que irrompem no presente [...] aos nossos olhos de *flâneurs*, interessava-nos como o Centro de BH passa por uma “modernização”, uma mudança da sua aparência [...].

É nessa ótica que relacionamos o pesquisador *flâneur*, baseado em Benjamin (2009), com o pesquisador ordinário nos estudos das formas de organizar. Ele está presente em analogias que transformam metodologias e teorias em cidades com ruas e labirintos por onde se caminha e, também, na atração por vivenciar a cidade propriamente dita ao produzir e confrontar análises. Um pesquisador marcado por sua atração em viver um cotidiano no qual suas abordagens se afastam do lugar de poder das abordagens hegemônicas da área na qual atua. A vida dele inclui táticas para transgredir esse lugar de poder, ao mesmo tempo que sobrevive como um pesquisador *flâneur*. Ele caminha tanto pela cidade quanto pelas ruas e becos da área de conhecimento que escolheu para dedicar sua vida, seu tempo, perambulando sem um destino certo, mas no qual acaba chegando e partindo de tempos em tempos, pois não há um destino, há uma busca. O pesquisador ordinário também não é um *flâneur* solitário como em Benjamin, ele faz isso com outros pesquisadores ordinários (gerúndios e substantivos).

Em síntese, o pesquisador ordinário é uma mistura de pesquisador *bricoleur* e pesquisador *flâneur*. No primeiro, temos um pesquisador que, em suas práticas cotidianas, faz a bricolagem de elementos de lugares de poder estabelecidos com outros elementos, em táticas que transgridem esses lugares ao pesquisarem e consumirem a cidade (CERTEAU, 1998). No segundo, ele é também o homem que flana, protagonista e observador das ruas, consumindo e experimentando a cidade (BENJAMIN, 2009). A partir dessa mistura, temos um pesquisador que busca vivenciar e pesquisar o urbano, a gestão ordinária, e golpear conhecimentos hegemônicos na área de administração.

Essa ruptura com a hegemonia na área de administração não é uma novidade, vários autores estabelecem essa crítica (CLEGG; HARDY, 1999; CHANLAT, 2000; MISOCZKY; FLORES; BÖHM, 2008; ALCADIPANI; ROSA, 2010). Entretanto, ao se inserir nela, o pesquisador ordinário nos estudos das formas de organizar o faz dando voz aos homens ordinários e à sua gestão ordinária. Há o reconhecimento de que, ao mesmo tempo, eles são silenciados pela hegemonia e representam um caminho para uma luta contra-hegemônica

(CARRIERI, 2014; BARROS; CARRIERI, 2015; GOUVÊA; CABANA; ICHIKAWA, 2018). O pesquisador ordinário assume esse caminho realizando bricolagens, flanagens, alegorias ou por meio de abordagens que têm aproximações com essas alternativas. Nessa produção contra-hegemônica, eles não estão sozinhos, ela é produzida junto com outros pesquisadores e homens ordinários, em torno dos quais surgem vários imbróglis relacionados com a pesquisa.

IMBRÓGLIS ENTRE HOMEM ORDINÁRIO, PESQUISA E PESQUISADOR ORDINÁRIO

Ao longo do que foi articulado até aqui, o pesquisador ordinário apresenta-se como um *bricoleur* e um *flanêur*, pesquisando com outros como ele bricolagens de homens ordinários. Seria instigante dizer que o homem ordinário pesquisado é um pesquisador ordinário quando passa a fazer parte de uma pesquisa que dá voz a ele como coconstrutor. No entanto, mesmo quando um vendedor ambulante é colocado discursivamente no papel como coconstrutor da pesquisa, ele quer vender seus produtos, não quer apenas produzir uma pesquisa. Independentemente de ele ter aceitado participar da pesquisa, a subsistência dele não está nisso, disso sobrevive o pesquisador. O ambulante não se transforma em um pesquisador, ele se transforma em um ambulante participando da produção de uma pesquisa.

Contudo, também não se trata de apenas usar esse homem ordinário como uma arma na luta acadêmica contra-hegemônica. Como explicam Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018), é necessário problematizar as implicações identitárias e de produção do conhecimento que transformam pesquisador e pesquisado. O elo entre o pesquisador ordinário e o pesquisado está na inserção de ambos em cotidianos que se cruzam por diferentes maneiras de viver, o primeiro por viver na e, possivelmente, da pesquisa, o outro por viver do seu ofício, da sua gestão ordinária, em um cotidiano investigado na pesquisa do primeiro. Eles interagem em diferentes práticas que se encontram, a da gestão ordinária e a da pesquisa ordinária, podendo envolver vários ambulantes e pesquisadores distintos, em cotidianos que se cruzam e oferecerem múltiplas produções: uma pesquisa ordinária sobre a gestão ordinária de vendedores ambulantes; vendedores ambulantes em transformação em interações com pesquisadores; pesquisadores em transformações em interações com ambulantes.

É dentro do reconhecimento dessa multiplicidade de produções que temos um fazer pesquisa nos estudos das formas de organizar com preocupações que fogem das temáticas hegemônicas no campo da administração. São pesquisadores transgressores do lugar de poder estabelecido (CERTEAU, 1998) pelo conhecimento hegemônico no campo. As estratégias e táticas do homem ordinário pesquisado são articuladas às do pesquisador ordinário. São bricolagens das bricolagens que levam à pesquisa ordinária, por meio disso, ela pode ser financiada, podem existir bolsas para os gerúndios sem outra forma de sustento, entre muitas outras necessidades articuladas para subsistência da e na pesquisa.

Para isso, há o uso de elementos da bricolagem do pesquisado para redigir projetos transgressores, nos quais esteja clara a racionalidade instrumental da contribuição que

vão oferecer e que justifica os financiamentos comumente direcionados a pesquisas com o foco instrumental, predominante na área. Os textos transgressores devem atender às formas predominantes de redação e organização dos textos demarcados pelo conhecimento hegemônico na área para que possam ser publicados nos mais diversos periódicos e gerar pontuação, de acordo com o periódico da publicação. A partir dessa pontuação é possível, por exemplo, obter financiamentos para pesquisas e bolsas para pesquisadores gerúndios que precisam de uma subsistência básica.

Não há como simplesmente ignorar a exigência de publicações em revistas com melhores qualificações no Qualis Capes e de adotar os padrões por elas estabelecidos, em sua maioria alinhados a uma visão estadunidense e pressupondo um domínio nativo da língua inglesa (BARROS; CARRIERI, 2015). Por isso, um caminho é transgredir apenas parcialmente essa lógica, por meio de táticas, golpe a golpe. Outro caminho é a produção de lugares de poder do próprio pesquisador ordinário, como ocorre quando surgem novas revistas, associações e eventos em torno de pesquisadores com abertura à contra-hegemonia, por exemplo, a Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, a Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais (SBEO) e o Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBE0).

Dessa maneira, buscamos meios para lutar contra os obstáculos que as formas hegemônicas de conhecimento e pesquisa apresentam para dificultar o desenvolvimento de novas abordagens (GOUVÊA; CABANA; ICHIKAWA, 2018). Uma luta dentro da qual existem múltiplos interesses envolvidos entre os próprios pesquisadores ordinários. Por exemplo, alguns, como os professores concursados de universidades públicas, podem se dar ao luxo de pesquisar aquilo que os incomoda e que os interessa, outros, como alguns gerúndios, podem até fazer isso, mas não é incomum que, ao mesmo tempo, busquem uma bolsa para sobreviver. Esses interesses devem ser conciliados para permitir a realização da atração por conviver e pesquisar em conjunto, entre si e com os homens ordinários pesquisados.

A alegoria de pesquisador ordinário trata de fragmentos de algo construído em conjunto. Algo que ocorreu ao longo de anos de interação entre Alexandre e diversos pesquisadores ordinários, como ele mesmo narra ao tratar do NEOS:

O NEOS é um grupo de pesquisa construído sob o pronome pessoal reto da primeira pessoa do plural: nós. A posição do grupo, de pesquisa, teórica e metodológica, precisa ser uma construção coletiva e ter significações construídas no cotidiano do grupo (CARRIERI, 2014, p. 19).

A lógica do trabalho conjunto e do reconhecimento dos múltiplos esforços são qualidades de Alexandre, entre outros, e que fazem parte da concepção de pesquisador ordinário aqui proposta. Apenas estudar a gestão ordinária não é suficiente para um pesquisador ordinário, ele precisa se reconhecer enquanto um pesquisador que troca experiências com outros pesquisadores ordinários, gerúndios ou não. Ele não é um pesquisador genial, isolado no fazer ciência, que transfere um pouco de sua genialidade aos gerúndios menos favorecidos. Entre pesquisadores ordinários, há trocas mútuas.

Obviamente, eles não trocam as mesmas experiências, mas a assimetria entre suas trocas não está em um ser mais importante ou superior ao outro em virtude da titulação acadêmica ou do tempo na academia. Se isso ocorrer, e pode ocorrer, deve ser visto como uma disfunção entre pesquisadores ordinários. O indicativo de que algo está errado e diálogos e reflexões devem ser estabelecidos. Ou a indicação de algo muito comum: não são pesquisadores ordinários, são pesquisadores que podem ter aproximações com eles, mas falta algo. Se fosse fácil ser eles, o número de pesquisadores ordinários seria muito maior. Dentre as muitas explicações possíveis para essa ausência, destaco a incerteza e o sofrimento ligados a essa relação mútua, que não são produzidos nos mesmos termos em uma relação baseada, por exemplo, na titulação, quando um manda e o outro obedece. Por outro lado, as vantagens de ser pesquisador ordinário estão espalhadas ao logo de todo este texto.

Lembro-me das reuniões do NEOS, quando os alunos da graduação, bolsistas de iniciação científica, discutiam, propunham e se opunham às ideias para projetos e publicações entre mestrandos, mestres, doutorandos e o doutor orientador – eram embates conjuntos entre gerúndios e um substantivo, sem constrangimentos. Alexandre instigava isso, parecia gostar de ver o “circo pegar fogo”, participando de algo que teve como resultado múltiplas produções. Por exemplo, nossos graduandos apresentando seus trabalhos aprovados em seções do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD) e os discutindo abertamente nas mesas com diversos tipos de gerúndios e substantivos. Pode parecer estranho pensar uma relação não hierárquica entre orientador e orientando, mas é por isso que Alexandre de Pádua Carrieri e o pesquisador ordinário me parecem intrigantes: eles fazem trocas sociais para obter o que endentem como uma sobrevivência que vale a pena, ao viver o cotidiano na e da pesquisa.

O cotidiano do pesquisador faz de qualquer *locus* de pesquisa um lugar praticado por pesquisadores e pesquisados. Não é um lugar neutro, exterior ao pesquisador, o qual ele manipula para coletar dados. Na pesquisa, há a produção de um cotidiano no qual o pesquisador está inserido. Isso ocorre em relação a qualquer pesquisador, mas o pesquisador ordinário desfruta disso, ele não luta contra isso, pois não considera como uma disfunção que leva a limitações em uma pesquisa. Pelo contrário, para o pesquisador ordinário, o desfrute e o reconhecimento disso fazem parte de sua vida. São grupos de pesquisadores que mostram com orgulho as inscrições das pesquisas em seus corpos.

Por exemplo, ainda lembro quando me vi escolhendo ovos junto com um feirante que, supostamente, era quem eu investigava, enquanto ele ria e observava minhas patéticas habilidades para escolher ovos. Porém, fui vendo como ele fazia, ele me mostrou a habilidade necessária para rodá-los observando os poros que indicam a qualidade dos ovos, até que desenvolvi a habilidade e nunca mais consegui ver ou pegar em um ovo da mesma maneira em minha vida. A habilidade ficou inscrita no corpo (NICOLINI, 2013).

Esse exemplo de inscrição no corpo é algo comum entre aqueles que eu identifiquei como pesquisadores ordinários. Isso não quer dizer que ele vai se transformar naquele homem ordinário pesquisado. Ele não será um artesão habilidoso simplesmente por pesquisar artesanato. Entretanto, o artesanato vai passar a fazer parte do cotidiano dele

de uma maneira diferente do que antes. Ou seja, o cotidiano da pesquisa ordinária marca o corpo desse pesquisador como o cotidiano de sobrevivência marca o corpo de qualquer homem ordinário. É desse cotidiano que surgem as práticas de pesquisa dos pesquisadores ordinários, eles e suas práticas transformam-se lentamente entre uma pesquisa e outra, e eles reconhecem e se orgulham disso, como os artesãos orgulham-se da sua maneira de fazer artesanato. Não se trata de uma simples rotina ou repetição de uma maneira de fazer, mas de uma (re)produção de práticas de pesquisa a partir do cotidiano e de reconhecer esse processo na pesquisa ordinária. É o mesmo que ocorre com os artesãos quando reconhecem as suas engenhosidades, advindas do cotidiano, para criar peças novas ou novas maneiras de fazer as antigas.

É dessa maneira que o cotidiano da pesquisa ordinária faz parte da vida do pesquisador ordinário, um não é isolado do outro, como se tivesse uma vida profissional, de pesquisador, e outra, pessoal, as duas se confundem. Porém, isso, em algum nível, ocorre com qualquer pesquisador, alguns apenas não identificam ou, quando o fazem, tratam como disfunção, falta de distanciamento. Já o pesquisador ordinário reconhece e tem certo prazer em expressar esse envolvimento. Algo que não reduz a legitimidade de seu trabalho, desde que ele não se aproxime de concepções funcionalistas simplistas de legitimidade científica, nem esqueça de deixar claro no texto sobre esse envolvimento, como espero ter deixado claro neste texto: nosso pesquisador ordinário, o qual baseia este artigo, bem como diversos dos pesquisadores do NEOS considerados pesquisadores ordinários são meus amigos, convivi com eles durante anos, portanto, não sou neutro ao escrever sobre eles, mas, por isso mesmo, tenho uma legitimidade situada para escrever sobre eles e questionar para onde vão.

O FIM DO INÍCIO: PARA ONDE VÃO OS PESQUISADORES ORDINÁRIOS?

Os pesquisadores ordinários opõem-se à racionalidade instrumental, à mensuração, à objetificação, à generalização universal de contribuições, ideias e teoria, à neutralidade científica e à separação entre o cotidiano da pesquisa, do pesquisado e do pesquisador. Toda pesquisa é considerada como realizada no cotidiano com pesquisados e pesquisadores, os quais fazem parte das escolhas presentes nas pesquisas, antes e durante o seu desenvolvimento. Isso nos indica uma parte da resposta da pergunta: para onde vão os pesquisadores ordinários?

Para a produção das pesquisas, eles adotam uma diversidade de paradigmas, abordagens, métodos qualitativos e de misturas entre si, tais como: teoria crítica, pós-estruturalismo, diferentes modalidades de análise do discurso, análise de narrativa, etnografia, história de vida etc. Em alguns casos, a mistura de mais de uma alternativa é deliberadamente adotada, exposta e justificada. Em outros casos, a mistura surge indiretamente, nas entrelinhas. Os pesquisadores ordinários inserem-se na continuidade dessa mistura, em uma ênfase qualitativa, o que envolve uma infinidade de possibilidades. O que elas têm em comum é serem usadas para tratar do que é considerado estranho nos estudos das formas de organizar na área de administração, golpeando a visão hegemônica na área.

Consequentemente, o pesquisador ordinário amplia o risco de inconsistências epistemológicas,

teóricas e metodológicas que serão atribuídas a ele, dependendo do trabalho em si e de quem seja o leitor, pois as atribuições ocorrem em função da referência de avaliação. Essas inconsistências podem ser explicadas, articuladas, contornadas, justificadas etc., mas nada justifica a quem adota abordagens hegemônicas e homogêneas ou apenas homogêneas e não hegemônicas a heresia de seguir por caminhos tortos, heterogêneos, arriscados e perder um tempo enorme para tentar ser aprovado por eles. Entretanto, é possível fazer isso para um outro grupo, o dos Pesquisadores Ordinários e seus Simpatizantes (POS).

Aqui o embate é outro, é entre diferentes cotidianos, a partir dos quais as explicações, articulações, contornos, justificativas etc. para lidar com as inconsistências típicas de qualquer mistura, teórica ou prática, são reconhecidas como parte das pesquisas. Elas podem ser criticadas quando não concordamos com elas, a partir de nossos cotidianos, mas elas não são consideradas um erro só por haver misturas. Pelo menos para os POS, a pesquisa ordinária é marcada por isso, o que não quer dizer que está livre do debate, da crítica, da discordância. Criticar as escolhas, nas misturas em uma pesquisa ordinária, pode ser mais interessante em termos de oferecer ideias do que apenas verificar se uma pesquisa de base hegemônica seguiu seu manual de maneira exata.

Na pesquisa ordinária, no lugar de manuais, existem conhecimentos anteriores, eles são (re) produzidos, podem ser vários, isso depende da mistura de abordagens, e servem para serem, em parte, desobedecidos. Há uma transgressão deliberada nas maneiras de fazer a pesquisa de quem os desobedece. Ele tenta explicar, articular, contornar etc. ao buscar contribuições dessas transgressões, concebidas quase como justificativas irônicas do pesquisador ordinário para o seu pecado da desobediência, pois ele sabe que vai cometer o mesmo pecado. Ele não vive sem isso em seu cotidiano de pesquisador ordinário. É um acadêmico maculado por indicar que não tem certeza do que está fazendo, esforçando-se para revelar suas incertezas, contradições, confusões, fraquezas.

No lugar de avançar para dominar as certezas da ciência hegemônica e compartilhar esse saber com os menos favorecidos, o pesquisador ordinário esforça-se para ampliar a falta de certezas e compartilhar o interesse na procura, seja lá do que for. O cotidiano da procura, a maneira de procurar na qual vive, as implicações no homem ordinário, durante a pesquisa, interessam tanto ou mais a ele do que aquilo a ser produzido ao final de uma pesquisa. Por isso, a pesquisa ordinária nos estudos das formas de organizar afasta-se do que é tratado de maneira predominante na área. Ela vai em direção a um ineditismo.

Não se trata de uma mera busca pelo ineditismo. É um ineditismo gerado pela atração do pesquisador ordinário pela vida mundana, ordinária, pelos homens ordinários e pelos outros pesquisadores ordinários, colocados em segundo plano nas temáticas e abordagens predominantes nos estudos organizacionais na área de administração. Isso gera, por vias tortas, o ineditismo na área.

Essa é a origem do ineditismo das obras de Alexandre de Pádua Carrieri. Também é a base da compreensão do que o faz alguém tão importante para os estudos das formas de organizar na administração e para quem convive e convive com ele, em pesquisas e no dia a dia. Justamente por isso optei por explorar suas contribuições para o campo, com as

concepções de gestão e gestor ordinários, as quais sintetizam quem ele é, a sua pesquisa, as pessoas ao seu redor, os temas com os quais ele se incomoda, as abordagens que ele gosta de perpetrar, enfim, o ordinário da pesquisa sobre as formas de organizar. A sua proposta de gestão ordinária, em minha análise, é uma obra autobiográfica do que ele faz na pesquisa, mas ele aplicou isso à gestão. Portanto, para o homenagear, trouxe a discussão de volta para casa, para o pesquisador ordinário e para a sua rede de relações, a qual está sempre atraindo mais pesquisadores ordinários, gerúndios e substantivos.

Os gerúndios são pesquisadores ordinários com o seu desorientador, como Alexandre gosta de se autointitular. Eles não trabalham para ele e nem ele para eles, eles trabalham com eles, no plural, misturando e misturados. Isso parece ter “funcionado bem” para o nosso homenageado e para a maior parte de seus desorientandos. Esse “funcionar bem” pode se legitimar com base nos parâmetros hegemônicos: número de pesquisas, publicações, orientações concluídas (de todo o grupo, não apenas de Alexandre), basta consultar o Currículo Lattes deles, está lá. Porém, há também os parâmetros não hegemônicos para esse “funcionar bem”: os pesquisadores ordinários se relacionando com afinidade, dançando juntos em festas “acadêmicas”, em entidades de classe, em coordenações acadêmicas diversas, em organização de livros e números especiais de periódicos, na editoração de revistas etc., em torno do que interessa à pesquisa ordinária.

Esse interesse indica que ser pesquisador ordinário não é uma mera escolha instrumental e consciente. Não é um pesquisador que, em busca de algo inédito para investigar, busca um assunto incomum, que pode ser algo do homem ordinário, e, depois, passa para outros temas que estiverem na moda. Para o pesquisador ordinário, o interesse no ordinário faz parte da vida dele, por isso ele leva esse nome. Os gerúndios que são atraídos pelo ordinário e, formalmente, precisam ter um substantivo desorientador designado, sentem atração acadêmica por um pesquisador ordinário substantivo, o qual também é atraído por eles. É mais do que uma oportunidade para obter títulos ou publicações. Mesmo que isso também ocorra, é apenas uma consequência de todo um cotidiano entre pesquisadores ordinários com atração mútua, seja na forma de amor ou de ódio apaixonado.

A ausência dessa atração é um indício da não inserção como pesquisador ordinário. Nossa concepção de pesquisador ordinário não é inocentemente inclusiva, ser pesquisador ordinário não inclui a todos. Experimentar o estranho é algo ambíguo, pode levar à alienação, não apenas ao fascínio por se aprofundar cada vez mais no desconhecido (BENJAMIN, 2009). Isso envolve também a condição social daqueles que veem o diferente, o estranho, como ameaçando a sua própria preservação (LEEUWEN, 2019).

Portanto, muitos nunca serão pesquisadores ordinários e não podem ser condenados por isso. Ao mesmo tempo, não negamos o mérito dos que vivem esse caminho, nem o papel relevante dos pesquisadores ordinários anteriores, como tentação para que esse caminho seja escolhido. Alexandre de Pádua Carrieri é uma dessas tentações, atentando os que pesquisam ou que querem pesquisar as formas de organizar na condição de pesquisadores ordinários.

REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, R.; ROSA, A. R. O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do “borat” brasileiro. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 371-382, out./dez. 2010.
- BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 151-161, mar./abr. 2015.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BENJAMIN, W. **A modernidade e os modernos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III** – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BURREL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Londres: Heinemann, 1979.
- CARRIERI, A. **O fim do “Mundo Telemig”**: a transformação das significações culturais em uma empresa de telecomunicações. 2001. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- CARRIERI, A. P. **A gestão ordinária**. 2012. Tese (Professor Titular) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- CARRIERI, A. P. As gestões e as sociedades. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 21-64, jun. 2014.
- CARRIERI, A. P.; LEITE-DA-SILVA, A. R.; PIMENTEL, T. D. O tema da proteção ambiental incorporado nos discursos da responsabilidade social corporativa. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 1-16, jan./mar. 2009.
- CARRIERI, A.; PERDIGÃO, D.; AGUIAR, A. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 698-713, out./dez. 2014.
- CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; MARTINS, P. G.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária e suas práticas: o caso da Cafeteria Will Coffee. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, v. 12, e141359, 2018.
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2012.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de Fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, M. **Heterologies: discourse on the other**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.

CHANLAT, J.-F. **Ciências sociais e management: reconciliando o econômico e o social**. São Paulo: Atlas, 2000.

CLEGG, S. R.; HARDY, C. Introdução: organização e estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**. v. 1. São Paulo: Atlas, 1999. p. 27-57.

COSTA, F. Z. N.; LEÃO, A. L. M. S. A vida organizada dos fãs de Harry Potter. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 25, n. 84, p. 122-154, jan./mar. 2018.

FORTUNA, C. Introdução: sociologia, cultura urbana e globalização. In: FORTUNA, C. **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Oeiras: Celta, 1997. p. 1-28.

GOUVÊA, J. B.; CABANA, R. P. L.; ICHIKAWA, E. Y. As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar voz àqueles que o discurso hegemônico cala. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 12, p. 297-347, abr. 2018.

HASSARD, J. Postmodernism and organization. In: HASSARD, J. **Sociology and organization theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 111-138.

HASSARD, J.; COX, J. W. Can sociological paradigms still inform organizational analysis? A paradigm model for post-paradigm times. **Organization Studies**, Londres, v. 34, n. 11, p. 1701-1728, 2013.

JUNKES, L. O processo de alegorização em Walter Benjamin. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, n. 2, p. 125-137, 1994.

LAUSTER, M. Walter Benjamin's myth of the *flâneur*. **Modern Language Review**, Cambridge, v. 102, n. 1, p. 139-156, jan. 2007.

LEEUWEN, B. V. If we are *flâneurs*, can we be cosmopolitans? **Urban Studies**, Londres, v. 56, n. 2, p. 301-316, 2019.

MASSAGLI, S. R. Homem da multidão e o *flâneur* no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. **Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários**, Londrina, v. 12, p. 55-65, 2008.

MCROBBIE, A. **Postmodernism and popular culture**. Londres: Routledge, 1994.

MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K.; BÖHM, S. A práxis da resistência e a hegemonia da organização. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 15, n. 45, p. 181-194, abr./jun. 2008.

NAPOLITANO, V.; PRATTEN, D. Michel de Certeau: ethnography and the challenge of plurality. **Social Anthropology**, Londres, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2007.

NICOLINI, D. **Practice theory, work and organization**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

OWENS, C. The allegorical impulse: toward a theory of postmodernism. **October**, Cambridge, v. 12, p. 67-86, Spring 1980.

PENIDO, S. Walter Benjamin: a história como construção e alegoria. **O que nos faz pensar**, v. 1, n. 1, p. 61-70, jun. 1989.

POSTER, M. The question of agency: Michel de Certeau and the history of consumerism. **Diacritics**, Baltimore, v. 22, n. 2, p. 94-107, Summer 1992.

UTAS, M. Victimcy, girlfriending, soldiering: tactic agency in a young woman's social navigation of the liberian war zone. **Anthropological Quarterly**, Washington, v. 78, n. 2, p. 403-430, Spring 2005.

VALE, L. M. E.; JOAQUIM, N. F. Legume nosso de cada dia: o hortifrúti na história da gestão ordinária do Mercado Central de Belo Horizonte. **Gestão & Conexões**, Vitória, v. 6, n. 2, p. 54-73, 2017.

WENDORF, T. A. Allegory in postmodernity: Graham Greene's the captain and the enemy. **Christianity and Literature**, Wheaton, v. 50, n. 4, p. 657-677, Summer 2001.

**Alfredo
Rodrigues
Leite da Silva**

Professor Associado do Departamento de Administração da Universidade Federal do Espírito Santo. Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador dos grupos de pesquisa GESIP/UFES, NEOS/UFMG e NETES/UFES.